

| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos

L | **i**
NÚMERO
ESPECIAL **6**

LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 06 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johonny

Revisão

Eld Johonny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Capa

Eld Johonny

Desenho capa e ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.6, v. 1, 2014 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

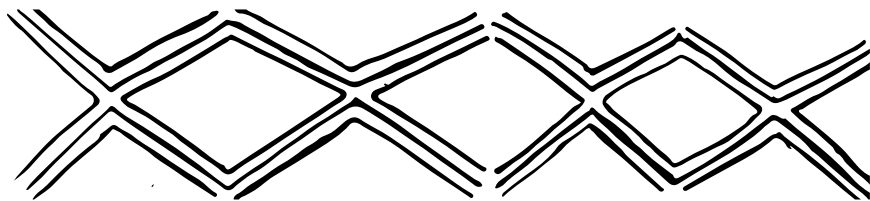
1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (www.leetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÀ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.



Arte e resistência Guaraní

Antônio Fernandes Góes Neto¹

¹ Aluno de Mestrado, orientado pelo professor Eduardo de Almeida Navarro, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (FFLCH-USP).

O fato de boa parte dos guaranis estarem localizados, grosso modo, no centro-sul do Brasil, eixo no qual se concentra o capital financeiro do país, traz à baila a segregação social e os modos de preservação cultural indígena frente à iminência de sua completa aculturação. Os ecos pombalinos da crença numa unidade linguística brasileira e a vigente concepção fragmentária de conhecimento contida na educação brasileira são negados no próprio modo de vida guarani, uma vez que estas populações evidenciam em suas práticas sociais a relação entre conhecimento e experiência que, por sua vez, expressa algo dialético por excelência, dado o seu caráter inacabado, tal qual o processo histórico.

O artesanato ainda se configura como atividade fundamental para a renda destes indígenas, integrados forçosamente ao sistema de produção urbano. Ou seja, embora a venda de artesanato traduza a transformação do que fora objeto de cultura material em mercadoria, sua produção ainda reflete uma consciência da atividade criativa e ainda tem um elo à natureza, pois os guaranis participam de todas as etapas de sua feitura. Pode-se dizer que arte e trabalho estão intimamente relacionadas, para estas populações.

1. A validade de se pensar a educação como formação

Quando se pensa que a arte é uma vocação de algumas poucas pessoas, corremos o risco de esquecer a dimensão do trabalho contida em tal manifestação. Neste sentido, é interessante notar como as sociedades autóctones, reprimidas desde o capitalismo de acumulação primitiva, apresentam concepções diversas de arte, relacionando arte e educação por meio de um trato com a natureza diverso daquele proposto pelo racionalismo cartesiano, refletido na expansão do capitalismo mercantilista.

Quando compreendemos que arte é talento e também é trabalho, podemos entender o sentido do artesanato hoje para os guaranis que vivem nas cidades. Consequentemente, o artesanato se torna a saída imediata para a obtenção de renda por parte das aldeias como, por exemplo, a TekoaPiayu (em guarani, aldeia nova) e a Krukutu (interpretação onomatopaica dos sons de corujas), justamente porque os indígenas dificilmente são admitidos em empregos formais, restando-lhes, muitas vezes, os trabalhos informais e mal pagos.

2. Breve análise da circulação da Arte Guarani

A experiência guarani com a violência sofrida no meio urbano tem produzido diferentes manifestações artísticas, difundidas em diferentes circuitos. Considerando que a produção cultural está vinculada à lógica do mercado, sempre é possível que a arte vise unicamente à promoção individual de seus autores e, por essa razão, vale comparar brevemente duas diferentes obras. Há, de um lado, a produção literária, exemplificada em um dos primeiros escritores indígenas brasileiros como Olívio Jekupé, da aldeia Krukutu e, por outro lado, a produção cultural interligada a outros movimentos urbanos marginalizados, como no caso do rap do grupo BRO MC's (2011), que podem trazer importantes exercícios de reflexão sobre aspectos do engajamento artístico dos guaranis.

Objetivando as diferentes obras elencadas, por meio da análise das suas condições materiais de produção e circulação, pode-se dizer que as letras de rap possuem uma notável dimensão intertextual, pela qual se criam novas músicas que dialogam entre si. Foi o que ocorreu com a música EjuOrendive do BRO MC's, reescrita por João Paulo Ribeiro, no contexto de ensino de língua guarani, intitulado Homenagem ao BRO MC's.¹ Vale ressaltar que, sendo também a intertextualidade uma busca por associações entre diferentes disciplinas instituídas no currículo brasileiro, trata-se de um importante exercício de consciência histórica, para uma melhor apreensão das tensões contidas na formação do Brasil, por via de uma discussão efetiva no ambiente escolar.

A tradição oral, da qual o gênero musical rap também se apropria, pode representar tanto a preservação cultural quanto o engajamento social na expressão artística, sendo um dos principais veículos para a transmissão das experiências vividas numa comunidade indígena. Entretanto, não são todos os circuitos de produção cultural que operam desta forma e os circuitos literários se notabilizaram por sua mercantilização nas últimas décadas. Olívio Jekupé, escritor bilíngue (português-guarani), exalta o crescimento das publicações de literatura indígena. Nas palavras do autor:

¹ Ambas as músicas estão disponíveis online: <http://www.youtube.com/watch?v=oLbh-GYfDmQg> e <http://www.youtube.com/watch?v=X1IruLUD2no>

(...) Isso é muito bom porque mostramos ao mundo que não somos só contadores de história oral, mas pessoas capacitadas que têm a sabedoria de escrever belas histórias.(...)²

Quais estratégias são necessárias para os escritores indígenas conseguirem divulgar suas obras? Ainda que a difusão do guarani em sua modalidade escrita possua importante função de preservação da língua nativa, cabe indagar: uma produção artística mais crítica, como a do grupo BRO MC's não seria a melhor explicitação das raízes históricas da segregação por que passam os índios no Brasil, sendo então melhor aplicáveis ao ensino? Talvez a literatura de Olívio Jekupé, estimule ainda mais o turismo exótico pelas aldeias, mantendo uma distância social imposta pela história e presente nos moldes vigentes de ensino.

É tal imaginário acerca de uma unidade linguística e do isolamento dos povos indígenas, que dificulta uma discussão sobre a recente oficialização da língua guarani no município sul-mato-grossense de Tacuru, região próxima à recente opressão no Tekoha Arroio Korá, que visa à expropriação de terras indígenas por parte das Fazendas Liane e Campina. A opressão aos guarani-kaiowá no estado mencionado ganharam, recentemente, repercussão nas redes sociais e o próprio uso do sobrenome guarani-kaiowá nos nicknames pode ser discutido em aula, como forma de protesto. A demarcação de terras indígenas é uma antiga problemática, que também pode ser trabalhada nas salas de aula com o curta-metragem “À sombra de um delírio verde³(2011)”.

A experiência do uso de obras de literatura indígena nas salas de aula tem mostrado que aqueles indígenas que se interessem em produzir uma literatura indígena também têm o direito de se enquadrar nas normas do mercado editorial, e os alunos também possuem o direito de ler a literatura que mais lhes interessa, sendo, neste caso, irrelevante a presença ou ausência de criticidade das obras dos escritores indígenas. O importante é sentir que os alunos não percebem grandes diferenças entre os livros de escritores indígenas e não-indígenas, de modo a evitar, no futuro, perguntas como: os índios sabem escrever? Eles têm arte, literatura? Visitas às comunidades guaranis, que já são feitas por algumas escolas paulistas, para observar desde as concepções de arte e educação às vendas de artesanatos, podem enriquecer a experiência de professores e alunos.

2 O texto na íntegra encontra-se na postagem do dia 17 de Outubro de 2012, a respeito de um evento na UFSCAR: <http://oliviojekupe.blogspot.com.br/2012/10/caxiri-na-ufscar-literatura-nativa.html>

3 Este documentário está disponível online: <http://vimeo.com/32440717>

Com base nessa pequena discussão que fizemos, sugerimos algumas atividades:

- Compare artesanatos guaranis com outros artesanatos de outros povos, indígenas ou não, nas aulas de Artes;
- Compare obras de Olívio Jekupé com autores não-indígenas nas aulas de literatura;
- Trabalhe os gêneros textuais com o rap indígena, comparando com outras manifestações artísticas de resistência (documentários também podem servir nas aulas de interpretação de textos);
- Trabalhe as razões para a venda de artesanatos indígenas nos meios urbanos nas aulas de Geografia, sobre urbanização e segregação espacial;

O objetivo das comparações e da análise sobre as manifestações de resistência é mostrar que muitos povos indígenas se valem hoje das mesmas ferramentas que os não-indígenas, para se posicionarem perante os outros. Isso poderá aproximar os alunos dos povos guaranis, pois eles já deverão gostar de uma ou outra manifestação artística trabalhada ao longo das atividades. Um aluno que já gosta de rap, por exemplo, poderá se identificar com o grupo BRO MC's, pelo fato de eles se expressarem com um gênero semelhante e assim por diante. O objetivo maior dessa proposta é tal aproximação dos alunos das escolas regulares com os indígenas reais, principalmente aqueles que vivem nos centros urbanos como em São Paulo.

Sugestões para leitura complementar

CÂNDIDO, Antônio. Prefácio: o significado de Raízes do Brasil. In: *HOLANDA, Sérgio Buarque de*. (1936), *Raízes do Brasil*. 5ª edição, 1969.

FARIA, C. S. *A Integração Precária e a Resistência Indígena na Periferia da Metrópole*. São Paulo: FFLCH, USP (Dissertação de Mestrado).